



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL DO SÉCULO XIX: UMA LEITURA DE *FOGO MORTO*

SILVA, Mirian Cardoso (G), FECILCAM, mcardosoccb@gmail.com
COQUEIRO, Wilma dos Santos (OR), FECILCAM, wilmacoqueiro@ibest.com.br

RESUMO: Nos últimos decênios do século XIX, embora a estrutura social patriarcal estivesse em plena decadência, as mulheres ainda sofriam sob o peso da opressão masculina, pois os homens que, até então, retinham o poder sobre tudo e todos, as submetiam a seus desejos e as impediam de expressarem seus pensamentos e participarem da esfera pública. Desse modo, a existência dessas mulheres restringia-se ao espaço domiciliar e à relação familiar. Nesse contexto, à luz de estudos realizados por Gilberto Freyre (1977), Beth Brait (1987) e Pierre Bourdieu (2005), tem-se por objetivo analisar o modo como são apresentadas as personagens femininas na sociedade patriarcal do século XIX, representada ficcionalmente na obra *Fogo Morto*, publicada em 1943, pelo escritor paraibano José Lins do Rêgo.

Palavras-chave: Literatura regionalista. Patriarcalismo decadente. Personagens femininas.

1 INTRODUÇÃO

Fogo Morto, publicada em 1943, é uma obra emblemática da literatura brasileira, por representar ficcionalmente a decadência do ciclo da cana de açúcar. Os engenhos, que simbolizavam o domínio dos grandes senhores rurais, sofreram um grande abalo com o término da ordem econômica respaldada pelo trabalho escravo e a passagem para outra provocada pela abolição, que trouxe as inovações das indústrias com as máquinas a vapor, dispensando assim a mão de obra humana.

A sociedade brasileira rural e escravocrata perdia irremediavelmente sua força econômica e política. Dessa forma, José Lins do Rego, representante dessa elite decadente assim como outros escritores da década de 30, trás em sua obra a nostalgia desse “mundo perdido”, envolvendo o plano das personagens com o espaço social e econômico dos engenhos.

José Lins do Rego aborda esses aspectos que envolvem a decadência dessa estrutura social através da vida do engenho do Santa Fé, acompanhando o estado psicológico das personagens, que apresentam-se estáveis, ao mesmo tempo em que



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

o engenho colhia suas safras. Contudo, a partir do momento que começa a modificar-se essa estrutura, ou seja, quando a Lei Áurea é assinada, em 1888, e os senhores de engenho perdem sua mão de obra, as personagens são mostradas em estado de declínio psicológico, participando do processo de desagregação social, econômica e moral, encaminhando de uma dita Lucidez à uma Loucura, sobretudo das personagens femininas, vítimas da opressão desse modelo patriarcal que esta em declínio.

Toda a representação da trama literária reflete esse sentimento de decadência, sofrimento, depressão e de loucura. Representando uma sociedade incapaz de internalizar mudanças e acompanhá-las. Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar a relação das personagens femininas com o espaço patriarcal decadente e o modo como elas problematizam essa estrutura ainda vigente nos primeiros decênios do século XX.

2 UMA OBRA COMPOSTA POR TRÊS

José Lins do Rego Cavalcanti Nasceu em 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, município de Pilar, estado da Paraíba e cresceu ligado ao mundo do Nordeste Açucareiro, às senzalas e aos negros na época da escravidão. Teve uma infância livre no engenho, o que influenciou sobremaneira as obras do autor e a temática abordada no livro em questão.

Suas obras retratam a vida do povo brasileiro, criticando os costumes e a própria sociedade, mostrando a vida do fim do século XIX. Segundo Otto Maria Carpeaux: “A obra de José Lins do Rego é ele mesmo. É profundamente triste. É uma epopéia da tristeza, da tristeza da sua terra e da sua gente, da tristeza do Brasil.” (apud REGO, 1972, p. 6).

Quando Lins do Rego faz a construção das personagens envolvidas nos enredos de *Fogo Morto*, instaurando-as em seus níveis diegéticos, trabalha sempre com núcleos de três: três famílias que viviam no nordeste da Paraíba, envolvidas em uma sociedade patriarcal, submetidos ao regime coronelista, em um Brasil em



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

transição entre um modelo social para outro. São famílias tradicionais que sofrem com o advento do capitalismo e das novas usinas, que trocavam a mão de obra escrava por máquinas. Desse modo, o declínio da aristocracia rural leva concomitantemente as personagens a passarem por uma traumática desagregação econômica, social e psicológica.

Essas três famílias compõem as três partes do livro: a primeira foca o seleiro mestre José Amaro, conhecido pelo seu ofício. Mal humorado, pobre, morador das terras do coronel Lula, senhor de engenho de Santa Fé. Acredita nos cangaceiros representado na obra pelo capitão Antonio Silvino, lendário bandoleiro paraibano que nasceu em 1875 e morreu em 1944, e tornou-se uma espécie de *Hobin Hood* do sertão. Para Amaro, era esse cangaceiro o único que podia ser considerado homem.

O seleiro sofria de grande pesar por não ter um filho homem para defendê-lo, “que falasse alto com os grandes, que tivesse fibra para agüentar desaforo.” (REGO, 1972, p. 12), culpava a mulher, Sinhá, por isso e também pela filha Marta, velha e ainda solteira. Essa era sua amargura. Tal era sua raiva por tudo, que maltratava a mulher, e ainda mais a filha, a qual não tinha outra vida senão sofrer de depressão e epilepsia.

Paralelo a vida de Amaro, a segunda parte foca o dono das terras onde mora Amaro, o Coronel Luiz de Holanda Chacon, conhecido como Coronel Lula. Homem soberbo, ruim de coração e trato, andava apenas de cabriolé, vivia com manias de beato, tinha uma mulher e uma filha que tocavam piano. Sofre também da doença de epilepsia e a cada ataque da doença, torna-se cada vez menos lúcido.

Sem ter a mesma firmeza que o antigo dono do engenho, seu sogro, a abolição e as novas usinas vêm para consumir o processo de decadência do engenho que começara quando o coronel Lula assume as posses da família da mulher. Criado na cidade grande e sem força moral para comandar o engenho, acostumara-se a açoitar negros como se fossem animais e, por isso, diferentemente do que ocorrera em outros engenhos da região, nenhum dos negros queria continuar a trabalhar para Lula.

Para sustentar a família decadente, Amélia, sua mulher, vende ovos escondido do marido, sofrendo calada e recordando o tempo de fartura predominante na época em que seu pai era o senhor do engenho. Porém, a maior angústia de Amélia é presenciar o sofrimento e o estado de depressão da filha Neném, vítima da opressão e



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

maus tratos do pai. Nesse sentido, José Lins do Rêgo expõe a existência trágica a que está condenada a mulher no sistema patriarcal, submetida às vontades do pai e vivendo o estigma de ser “solteirona”.

Em contrapartida a essas duas famílias decadentes, há na terceira parte do romance o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, pobre, primo de José Paulino, o ainda poderoso senhor do engenho Santa Rosa. O capitão Vitorino é idealista e ingênuo, opunha-se politicamente ao Coronel Paulino, acreditando que derrubando o governo, todos os problemas seriam resolvidos. É conhecido como um louco, figura quixotesca que toma as causas dos outros para defender, assim como faz com a de Mestre Zé Amaro, indo à casa grande de Santa Fé, intervir pelo mestre. Mesmo sendo expulso pelo senhor de engenho, ainda assim procura defendê-lo quando o bando de cangaceiros, liderados por Antônio Silvino, atacam o engenho em busca de ouro. Vive com sua mulher, Adriana, que trabalha como castradora de frangos, comadre da Sinhá, e que sentia saudades do filho que foi mandado a Recife para estudar e trabalhar na marinha.

Desse modo, constata-se como Lins do Rego faz essa trama entre três famílias: três homens, os quais estão passando pelo processo de decadência de toda uma estrutura econômica que perdurara por séculos e tornava o mundo mais seguro, sofrendo os efeitos de uma nova ordem que se impunha, sendo que cada um deles buscava uma forma de salvação.

É nesse enredo que se encontra não somente a decadência do engenho, que no fim tornava-se *fogo morto*, mas também a do homem, que não aceita as mudanças políticas, sociais e econômicas pelos quais o Brasil passava, não estando suscetível a novas mudanças, e nem conseguindo associar tais acontecimentos para então estar aberto a toda essa transformação econômica, declina para um estado de depressão.

À sombra desses homens, as figuras femininas se destacam pela tragicidade de seus destinos, sofrendo a opressão imposta por um sistema patriarcal decadente, mas ainda terrivelmente limitador às mulheres. Essas personagens, que representam classes sociais diferentes, mas que são extremamente objetificadas, serão o foco de análise desse trabalho. São elas: Marta e Neném e suas mães, Sinhá e dona Amélia.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

3 DUAS MOÇAS: INFLUENCIADAS PELO ESPAÇO ECONÔMICO E SOCIAL

Em um importante trabalho sobre a dominação masculina, Bourdieu (2002) investiga as possíveis causas da dominação secular do homem sobre a mulher. Ele inicia seu estudo com o seguinte questionamento: “é preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos históricos que são responsáveis pela des-historicização e pela eternização das estruturas de divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes”. (p.3)

Nesse sentido, pode-se analisar as personagens Marta e Neném, filhas respectivamente do Mestre Amaro e do Coronel Lula, portanto pertencentes a classes sociais diferentes, como representantes do que, para Bourdieu, significa uma violência simbólica típica do mundo patriarcal e que conta com a contribuição de instituições sociais como o estado, a igreja, a escola e a família. Para o autor, essa violência se caracteriza como uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (2002, p.8).

É justamente isso que se observa na obra uma vez que tanto Marta quanto Neném não possuem muitos discursos diretos, elas não têm voz na história contada pelo ponto de vista masculino, que descreve tanto as suas características físicas quanto as psicológicas. O que se conhece de cada uma é pelo olhar da mãe ou do pai. Esta característica do não ter voz representa essa objetificação do feminino nos textos de escrita masculina e a opressão imposta pelo patriarcado predominante.

No início da história, Marta, já com uma idade avançada e ainda solteira, sofrendo por não corresponder aos desejos do pai que queria um filho homem que desse continuidade à família, mostra-se tímida e triste: “E o mestre (...) ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. (...) Tinha aquela filha triste, (...) a filha continuava chorando como se fosse menina. O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Por que chorava, sem que lhe batessem?” (REGO, 1972, p. 8-9)

Neném, por sua vez, ainda jovem e sonhadora, mostra-se alegre e desenvolta: “Neném fazia aquelas visitas aos engenhos de perto. Às vezes acompanhava a filha,



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

pois era a única alegria de sua vida vê-la mais bonita, mais falante, mais distinta que todas as outras.” (REGO, 1972, p.181)

Ambas vivem no seio das famílias que vivenciam de forma dramática a decadência dos engenhos. Suas angústias acentuam-se no decorrer da história com os pais opressores, que não conseguem lidar com os sentimentos de perda e que estão em conflito devido ao processo histórico de mudanças pelas quais estão passando. Elas podem ser classificadas como personagens redondas, assim como caracteriza Foster: “são aquelas definidas por sua complexidade, (...) surpreendendo convincentemente o leitor.” (BRAIT, 1987, p. 41), pois vão decaindo, desse estado para outro ainda mais complexo, que é o estado da demência, resultado de profunda depressão e conflito sentimental. Essas personagens femininas estão instauradas de tal modo em um universo de frustração e sofrimento, que influenciam na desagregação de suas personalidades.

Marta e Neném podem ser analisadas como personagens anáforas, na definição de Hamom em seus estudos de personagens tidas como signos, pois para serem compreendidas, ambas as moças precisam ser analisadas e compreendidas diante do contexto da obra e “na rede de relações formada pelo tecido da obra.” (apud BRAIT. 1987, p.46)

À luz de personagens redondas, por relacionar a transposição do autor da realidade, mostrando como foi a decadência do engenho diante do mundo novo e moderno, e como se posiciona as personagens diante de tal acontecimento, podemos fazer as seguintes análises abaixo, mostrando assim, como elas estão ligadas como signos a todo o mundo diegético em que vivem, capazes de serem compreendidas a partir da percepção desse mundo que as envolvem, e que estão inteiramente ligadas aos acontecimentos que influenciam em suas vidas, e encaminham para o estado de depressão profundo.

3.1 MARTA: DESGOSTO DO PAI



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A filha do mestre Amaro era uma moça “pálida, com seus trinta anos, de pele escura, com cabelos arregaçados para trás.” (REGO, 1972, p. 5), acuada pela agressividade paternal e submetida ao machismo, é tímida, medrosa e sofrida. Entretanto, apesar de viver com um pai transtornado, possuía sanidade, era uma garota que, apesar de tudo, ainda vivia.

Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. (...) Moça era para viver dentro de casa, dar-se ao respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. (REGO, 1972, p 44)

Mestre Amaro tinha o caráter do homem patriarcal: rude, machista, que ambicionava ter um filho homem que desse continuidade à família, pois, segundo esse regime, o filho levaria o nome do pai e seus bens. Quanto às mulheres, não poderiam caber neste quadro uma vez que sua função social era de procriar e cuidar dos afazeres domésticos. Para Freyre (1977), ao homem, cabia todo o trabalho extradoméstico, impondo às mulheres ao mundo da casa. Todo esse rigor no trato às esposas e/ou filhas, levava-as, não raras vezes, a viverem em depressão.

Mestre Amaro, nem sempre maltratou Marta, apesar de sempre ter sido grosso e autoritário, mas tornava-se cada vez mais enraivado, com uma fúria internalizada. “A velha Sinhá não sabia mesmo o que se passava com seu marido. Fora ele sempre de muito gênio, (...). Agora (...) via-o vociferar (...) até apara bichos, até para árvores.” (REGO, 1972, p.44). Por estarem diante de problemas causados por um país que vivenciava uma nova estrutura social e econômica, os homens patriarcais não conseguiam aceitar que o mundo do qual eram donos e no qual submetiam todos aos seus caprichos e desejos, estivesse sendo desfeito.

De acordo com a análise da obra, conclui-se que enquanto ainda permanecia a estrutura econômica movida pelos engenhos de açúcar, mestre Jose Amaro apresentava uma natureza rude e Marta encontrava-se ainda no nível de sanidade, aparecendo na narrativa sempre com algum objeto ou maneiras que mostram a sua posição de submissão e resignação. Restrita aos afazeres da casa, marcada como uma doente que envelhecia solteira:



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Viu a filha que chegava com um pote d'água na cabeça. (p. 24)
Marta saíra a tanger as galinhas, e os cachorros latim ao longe.(p. 40)
Sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido.
(REGO, 1972, p. 44)

Essa opressão imposta à mulher está em consonância com a ideologia propagada pelo sistema patriarcal que delegava ao homem o papel de provedor do lar e a liberdade na esfera pública e social, infringindo à mulher o dever de casa. Como afirma Freyre, sob a ótica predominante na obra, o homem tinha “todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos.” (FREYRE, 1977, p. 93)

Mas, consuma-se, então, o declínio dessa estrutura social do sistema econômico vigente quando o engenho do Santa Fé perde os negros com a promulgação da abolição: “chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para outros engenhos. (...) Até as negras da cozinha ganharam o mundo. (...) Só a muito custo apareceram trabalhadores para os serviços do campo” (REGO, 1972, p. 232). Em decorrência da transformação da estrutura de poder econômico que vigorava até então, o sistema opressor começa também a perder as forças. Mesmo assim, o mestre Amaro sofria por ter uma filha aos trinta anos ainda solteira. No contexto social da época, isso era motivo de vergonha do mestre, pois as mulheres com mais de 20 anos, sem pretendentes, eram consideradas solteironas, e sua vida tornava-se uma verdadeira clausura, trancadas em um convento ou na própria casa, como dizia Drummond, “ao jeito das viúvas trágicas”.

No regime patriarcal, as mulheres, pelo ponto de vista Freyriano, eram tanto comprimidas moralmente quanto fisicamente, impedidas de tomarem suas decisões ou demonstrarem seus desejos. Vestir-se ou conversar deveria ser feitos sob as regras sociais que ditavam qual assunto e como fazer. As solteironas nasceram do bloqueio sentimental causado pela repressão social paterna, impedidas de escolherem seus maridos, ou pela opressão ser tal que as prejudicava psicologicamente. Pois eram consideradas inferiores, e os seres superiores se consideravam *homens*. Segundo Freyre (1977) a principal vítima do patriarcalismo foi, muito provavelmente, as solteironas. Essas mulheres viviam como escravas da família, a parente pobre que deveria prestar-lhes serviço, sendo “abusadas não só pelos homens, como também



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

pelas mulheres.” (FREYRE, 1977, p. 127) Seu reduto resumia-se a casa dos parentes e aos filhos dos mesmos, muito próxima a uma governanta, sem direitos algum.

Marta, assim como tantas mulheres da sociedade patriarcal, passa a sofrer de profunda depressão, somada à intensa angustia em conviver com o pai perturbado. Submissa, sem voz e impedida de relacionar-se socialmente ou exprimir seus anseios, acaba por fechar-se em um mundo apenas seu: “para o canto estava a filha Marta, de olhos para o chão, com medo. Não deu uma palavra, só falava o mestre.” (REGO, 1972, p.5). Para acelerar o declínio psicológico da moça, ela sofre com a doença de epilepsia, tornando-a ainda mais triste, recolhendo-se para dentro de si cada vez mais.

Segundo Freyre (1977), em virtude desse enclausuramento que as moças viviam, em que muitas não conseguiam manter suas mentes sadias, e acabavam tornando-se depressivas ou até mesmo perdiam completamente a sanidade, esse rigor patriarcal a que eram infligidas, resultou nessas moças o olhar triste, os olhos fundos, as doenças por fraqueza psíquica ou corporal, a vida profundamente doente, uma mulher sem vida própria, impedida de expor seus sentimentos, angustias e pensamentos. Tudo que era diferente do pregado pelo patriarcalismo, era posto como um pecado a essas mulheres. Graças a isso, a mulher pode ir ao confessionário e libertar-se dos seus “pecados”. Para Freyre, o confessionário teve “função utilíssima de higiene (...) mental.” (1977, p. 94), pois a mulher podia exteriorizar suas angustias e desejos, mesmo que fossem em forma de pecado.

Marta estava totalmente incluída nesse meio social opressor, de tal forma que até mesmo era impedida de expor seus desejos com o canto de hinos da igreja: “-Para com isso menina! (...) não quero ouvir latomia de igreja na minha casa.” (REGO, 1972, p. 37). Tudo isso influía na moça uma depressão tal, que em um dos ataques causado pela doença, Amaro nervoso por toda a desgraça que o rodeia, surra-a com tanta violência, que ela perde totalmente a sanidade: “O mestre olhou-a como se todas as suas forças tivessem voltado, arrastou a mulher da porta e caminhou para a cama de Marta. A sola cantava no couro da filha.” (REGO, 1972, p. 152)

A partir de então, Mestre Zé começa a ser tomado por rompentes de depressão cada vez maiores, agravando a doença que já tinha. A filha é levada para um manicômio em Recife pela mãe com a ajuda de Vitorino que as acompanha. Marta é fruto de toda essa opressão, desejo reprimido, aflição, medo, grosseria causada por



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

um sistema social marcado pelo preconceito e o medo, pois segundo Freyre, o homem patriarcal utiliza-se da mulher não por outro motivo do que “para sentir-se sexo forte, mais sexo nobre, mais sexo dominador.” (1977. p 98). Reprimindo-a, submetendo-a a seus desejos, por medo de que a mulher se sobressaia em questões de negócios, sociedade e política.

3.2.NENÉM: SOMBRA DE UM AMOR DOENTIO

Neném é uma “boneca” cercada pelo pai Coronel Lula de Holanda, que sente pela filha uma verdadeira paixão: “achava linda a sua filha. Tinha aqueles cabelos louros, e os olhos azuis, a pele macia, branca como alfenim. E era menina doce, tão sem gênio que encantava a todo mundo.” (REGO, 1972, p. 168). Mandou-a para colégio de moças em Recife, onde estudou piano e aprendeu a ler, “viera do primeiro ano do colégio das freiras, cheia de devoção, com modos de moça.” (1972, p.168)

Separando-a até mesmo da avó e da mãe Amélia, que nunca participaria da vida da filha, pois “Neném era como se só fosse filha dele. Lula fazia de pai e de mãe da menina.” (FREYRE, 1972, p.169). Neném sofre de depressão por ocasião do caráter possuidor do homem, pois quando Coronel Lula fica sabendo que Neném esta apaixonada pelo promotor do Pilar, que para ele não era um rapaz com mérito para casar-se com a filha, é quando se revela toda a opressão masculina, uma vez que o coronel decide o futuro da filha, impedindo-a de se casar e condenando-a a solidão e à loucura: “Seu Lula, como um alucinado, não parava de falar. Preferia ver a filha estendida num caixão a se casar com um tipo à toa, sem família.” (FREYRE, 1972, p. 251)

Na sociedade patriarcalista, o pai decidia com quem seria realizado o casamento da filha, e naturalmente era com aquele de sua origem étnica e classe social, lembrando que o romance representa uma sociedade extremamente racista do nordeste dos finais do século XIX e início do século XX. A esse respeito, Freyre (1977) afirma que os senhores nobres preocupavam-se em casar as filhas, pois a



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

mestiçagem entre o negro e o branco era grande, o que dificultava em saber quem era verdadeiramente branco. Para evitar esse problema, casavam-se as filhas com “os primos, os tios (...) os parentes próximos.” (FREYRE, 1977, p. 128) Esse traço foi primordial para o aumento do número das solteironas, de mulheres depressivas, que viviam reprimidas na solidão e tristeza.

Desse ponto de vista, Lula desconsidera completamente a ideia de ver a filha casada com um homem de condição social inferior e, enfurecido, demonstra seu poder sobre a filha que lhe é como uma propriedade. Pois o pai é o centro desse universo e, portanto, detém o poder sobre todos debaixo de seus olhos. Desse modo, seria capaz até mesmo de matar ou infligir algo terrível a filha. Conturbada pela decadência psicológica tanto dela quanto do pai, Neném começa a tornar-se retraída e depressiva, afastando-se do pai, enquanto este prometia matá-la, caso fugisse de casa.

Essa fuga torna-se então o principal motivo pelo qual Lula começa a caminhar para um estágio de demência, imaginando que as duas mulheres tramam contra ele uma fuga da filha com o promotor, pois de acordo com Freyre, foram

“grande numero de moças raptadas dos sobrados e das casas-grandes, na segunda metade do século XIX. Eram moças a quem os pais não consentiam, ou por questão de sangue, ou de situação social, o casamento com homens de sua predileção sexual ou sentimental.” (1977, p. 129)

Esses raptos acentuaram o declínio dessa sociedade. As moças já não eram mais tão submissas, principalmente nas cidades, e procuravam uma forma de fugir desse sistema opressor e aniquilador, que as impedia e podava o livre arbítrio, impelindo-as a sofrerem, submetidas às vontades do homem, como uma “boneca saída das oficinas”, como declara Freyre (1977, p. 117).

Esse era o medo do coronel, de ter uma filha desonrada, que traísse os princípios familiares, casando-se escondida com o rapaz, pois como já visto, em tal sociedade, segundo Freyre, os casamentos arranjados eram “entre iguais, étnica, social e economicamente. E os iguais eram quase sempre os primos, o tio e a sobrinha.” (1977, p. 129). É justamente isso que se observa na obra por meio das atitudes do Coronel Lula com os seus escrúpulos de sangue: “Não deixaria que sua filha, que ele criara com tanto mimo, se casasse com um tipo de rua, um filho de alfaiate. (...) Mataria, sim mataria o atrevido.” (REGO, 1972, p. 255).



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Neném agora, vítima e fruto das hostilidades patriarcais, “ficava ela de lado, indiferente à alegria das quadrilhas, como um fantasma, branca, de olhos fundos, de cabelos penteados como velha.” (1972, p.192) Presa ao mundo, sem alegria, sem motivação, vivenciando a maldição de tornar-se uma solteirona.

Permeando isso tudo, o engenho do Santa Fé foi cada vez mais minguando, e junto dele, a família do Coronel Lula, que vivencia esse processo de decadência. A depressão da filha, a loucura do pai, e o sofrimento de D. Amélia representam no plano pessoal as conseqüências de uma nova ordem social e econômica. Pode-se, então, compreender como ocorreu todo esse declínio social, econômico e psicológico, envolvendo o meio e as personagens, influenciado por uma sociedade patriarcal decadente, que privava as mulheres de demonstrarem seus sentimentos, realizarem seus desejos e escolherem seus próprios caminhos, submetendo-as a vontade paternal que era símbolo de autoridade, força e superioridade.

3.SINHÁ E DONA AMÉLIA: SIMBOLOS DE RESISTÊNCIA

Sinhá e Amélia são figuras que comportam em si sinais de muito sofrimento, devido à opressão exercida pelos seus maridos. Sinhá suporta a fúria e injúrias com as quais Amaro culpa-a por não ter feito nascer um filho homem, que é todo o desejo do mestre Amaro, uma vez que, no contexto social do romance, o homem almejava um filho para dar continuidade aos negócios da família, coisa essa que mulher não poderia nunca fazer, devido ao fato de ser considerada como inferior e incapaz.

A personagem sentia-se como algo que não precisava ser considerado, pois “era um resto de gente só esperando a hora da morte.” (REGO, 1972, p. 81) E muito sofria em ver a filha sem um casamento, acuada de medo pelo pai, cabisbaixa, triste e depressiva. E se perguntava sempre o porquê dos modos abruptos do marido e do choro incessante da filha: “O que sucederia à sua filha, por que Deus não lhe dera uma sina mais branda?” E Casara-se com o mestre “porque não encontrara outro. Estava ficando no caritó e aparecera ele com promessa de casamento. Fingiu que gostava dele para não ficar moça velha, como agora ia ficando a filha.” (1972, p. 67).



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Nessa passagem, pode-se observar como essa sociedade, impregnada de machismo, influenciava as mulheres, que acabavam por casar sem sentimentos, para não serem colocadas no patamar de solteironas e sofrerem as conseqüências.

Amélia, mulher do coronel Lula de Holanda, sofre por conviver com um marido enciumado pela filha, e que a ignora como se ela fosse uma coisa qualquer sem valor, pois para o homem, a esposa tinha apenas a função de procriar. Devido a isso, quando Amélia perde a segunda criança, que seria um menino, Lula considera como se fosse ela que tivesse morrido: “tivera uma marido amoroso (...) até aquele parto infeliz. Depois Lula dera-a como morta.” (REGO, 1972, p.242). O papel da mulher, nessa sociedade consistia, portanto, apenas em dar continuidade à família, impelindo-a ao papel de mãe, serva submissa, incapaz de ser feliz, ou de alcançar qualquer desejo que fosse.

Por não ter pulso para dirigir o engenho, Lula abandona de vez a direção quando enfurece ao saber dos desejos da filha de casar-se com o promotor do Pilar e torna-se depressivo, cabendo à Amélia tomar as iniciativas e dar continuidade as colheitas fracas e pequenas do Santa Fé.

Amélia casara-se com Lula, que era seu primo, representando o costume do casamento entre iguais, no caso entre parentes. Estudara em um convento em Recife, aprendera tocar piano e a ler: Era “uma moça prendada, assombrando as outras com os seus dotes.” E tinha uma voz que “era de uma ternura, de uma delicadeza que amolecia os mais empedernidos.” (REGO, 1972, p. 221). Como ditavam os padrões do que era ser uma moça na sociedade da época, tinha que ter “o conjunto de qualidades exclusivamente doces e graciosas.” (FREYRE, 1977, p. 96), o que a fazia mostrar-se sem gênio e frágil diante do homem. Pois a uma moça esperava-se que fosse “a menina mole, do tipo franzinho, quase doente. Ou então a senhora gorda, mole, caseira, maternal.” (FREYRE, 1977, p. 93). Qualidades essas que definiam a mulher como passiva e submissa.

Ambas as mulheres são oprimidas pelos seus maridos que sofrem depressão. Dona Amélia acaba por tomar conta do Santa Fé, encarando todas as dificuldades, tentando sobreviver enquanto Lula tenta exhibir uma riqueza que não possui, ostentando por meio do cabriolé e das jóias o fausto perdido: . “-Amélia, e as tuas jóias? Bota as tuas jóias, Amélia.” (REGO, 1972, p.241). Enquanto isso, “ela via tudo,



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

sentia tudo. Todos os pedaços de miséria, era ela quem mais sofria. (...)” (REGO, 1972, p. 267) Como forma de resistência, tentava a todo custo manter vivo o Santa Fé, que minguava cada vez mais, devido a incompetência do Coronel Lula e das mudanças históricas ocasionadas pela abolição. Mas manteve-se forte diante dos problemas. E seu único consolo era a religião, na qual podia encontrar refúgio diante de tanta opressão, aflição e dificuldade. Gilberto Freyre enfatiza esse papel da religião na sociedade patriarcal como forma de higiene mental e de resistência à loucura. Para ele, “muita mulher brasileira deve se ter salvo da loucura (...) graças ao confessorário (...) era uma limpeza para os nervos.” (1977, p. 94)

Sinhá, por sua vez, como diz o mestre Amaro, era “mulher teimosa, de vontade, de opinião.” (REGO, 1972, p. 53), sempre falava com o marido, tentando ajudar a menina, e repreendendo Amaro: “- Cala a boca, Zeca! A gente não está aqui para ouvir besteira!” (REGO, 1972, p.35). E mesmo diante do sofrimento, é quem possui forças para cuidar da filha e leva-la ao manicômio.

As duas mulheres são representações da força feminina em meio a uma sociedade patriarcal decadente, mostrando que são capazes de suportar os problemas. Resistindo, mesmo que fracamente, aos ideais dessa sociedade, mostrando serem corajosas de alguma forma, ao encararem dificuldades não previstas às mulheres do meio patriarcal. Enquanto Mestre José Amaro não consegue encarar a vida: “O mestre estava caído, perto da tenda, com a faca de cortar sola enterrada no peito” (REGO, 1972, p. 381) e o Coronel Lula de Holanda vive em depressão, fugindo da realidade por meio da religião, “Lula, naquela devoção, naquele seu rezar, era como o homem de outro mundo, fora de tudo que fosse da terra.” (REGO, 1972, p. 267), mesmo submetidas a esses homens, são elas que enfrentam as dificuldades e lutam para resolvê-las. Infligidas pelos problemas, opressão e angústias, são colocadas em um patamar importante: o de superar a si mesmo e de alguma forma encarar os obstáculos provenientes dos problemas sociais e econômicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Nesse trabalho procurou-se analisar a representação das personagens femininas da obra *Fogo Morto*, as quais inseridas na sociedade patriarcal decadente do final do século XIX, sofrem ao machismo eminente, resultando em muitas delas a reclusão social e psicológica, o que as tornava depressivas e, por vezes, as levavam à loucura.

Nesse contexto, Marta e Neném são os frutos dessa opressão paterna que limitava suas possibilidades e escolhas e as impedia de expressarem seus pensamentos e desejos, enclausurando-as na solteirice e na depressão.

Por outro lado, dona Amélia e Sinhá apresentam-se como símbolos de resistência, mesmo que veladas, contra esse patriarcalismo, lutando diante das dificuldades, enquanto seus maridos não conseguiam resistir às mudanças sociais e econômicas.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976

REGO, José Lins. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: Olympio, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 5.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.